



Nós, representantes de torcidas organizadas, ativistas dos Direitos Humanos e estudiosos(as) do futebol, apresentamos algumas medidas para a transformação, criativa e pacífica, dos conflitos no futebol brasileiro, a partir das discussões realizadas no III Simpósio Internacional Futebol: "Linguagem, Artes, Cultura e Lazer" e no II Seminário: "Futebol nas Gerais", organizados pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da UFMG, em Belo Horizonte, nos dias 13, 14 e 15 de setembro de 2018. Antes, todavia, é preciso destacar que esses conflitos não são ruins em si mesmos. O conflito é parte intrínseca da sociedade. Não é uma patologia, uma "excrescência" que deve ser eliminada do "corpo social". Com efeito, o problema está, na verdade, nas orientações violentas que alguns desses conflitos tomam na sua resolução.

Também é preciso destacar que esses caminhos não são o resultado da ação de pervertidos(as) patológicos(as), que encarnariam a própria maldade. Um(a) torcedor(a) possui múltiplas condutas. A do(a) violento é apenas uma delas. Ademais, TODOS(AS) os(as) envolvidos(as) com o futebol, de alguma forma, fomentam a violência, dado que a cultura do futebol celebra a humilhação do(a) rival. Os(as) torcedores(as) não pertencentes às associações torcedoras, por exemplo, retratados(as) pela imprensa como "pacíficos(as)", habitualmente legitimam a violência por meio de cantos e gritos de guerra.

Tampouco devemos incorrer no erro de reduzir a violência no futebol à questão da pobreza. Há manifestações violentas em todas as classes sociais. Da mesma forma, não devemos conceber essa violência como irracional. Ao contrário, é justamente porque possui uma lógica que pode ser explicada e transformada. Compreender sua lógica, todavia, não significa justificá-la, mas ir a suas raízes mais profundas, a fim justamente de transformá-la.

Outro equívoco recorrente é o de desconsiderar as particularidades históricas e sociais da violência no futebol. Esta é o produto de uma sociedade, de uma história, de uma cultura. Ocorre que diferentes grupos sociais rotulam variados fenômenos como violentos. Não há consenso sobre o que seja violência, portanto. Por essa razão, é preciso entender a violência no plural. Trata-se de violências no futebol. E, se estamos falando de violências, não podemos iluminar algumas e deixar outras na penumbra, condenando-as ao silêncio. Entre as violências







outras coisas, objetificam as mulheres (atletas e torcedoras) e estigmatizam os(as) integrantes das torcidas organizadas;

- 15 – Os clubes se envolvam mais diretamente em estratégias de segurança e estabeleçam um(a) responsável pela articulação com as outras instituições envolvidas nessa questão. Tal responsável deve ser o(a) primeiro(a) a responder por possíveis problemas, evitando que os clubes se eximam de algo que é da sua alçada;
- 16 – Os clubes, as federações estaduais e a CBF fomentem o acesso democrático ao espetáculo futebolístico, criando setores populares nos estádios e desenvolvendo políticas de precificação do ingresso que incluam as classes populares;
- 17 – Os clubes, as federações estaduais, a CBF e o Poder Público incentivem a festa na arquibancada, ao invés de impor diversas restrições que servem apenas para esfriar o clima nas arquibancadas e minar uma cultura popular de torcer.

Por último, para aqueles(as) que, por meio de análises fatalistas, acreditam que não é possível transformar a ordem futebolística vigente e reduzir suas diversas formas de violência, gostaríamos de lembrar as palavras de Nelson Mandela: “tudo parece impossível de ser feito até que seja feito”.

Adriano Lopes de Souza – UFMG

Alexandre Francisco Alves – Prefeitura de Betim

Carla Augusta Nogueira Lima e Santos - Unifemm

Carlos Coelho Ribeiro Filho – UFJF

Carlos D’Andrea - UFMG

Cristiane Nestor de Almeida – PBH.

Deborah Guimarães Quirino Electo Conrado – UFMG

Elcio Loureiro Cornelsen – UFMG

Fábio Henrique França Rezende – UFMG

Felipe Tavares Paes Lopes – Universidade de Sorocaba



Felipe Vinícius de Paula Abrantes – UFMG  
Flávio “Frajola” Martins – Vice presidente ANATORG  
Georgino Jorge de Souza Neto - UNIMONTES  
Gustavo Andrada Bandeira – GEERGE/UFRGS  
Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira – UERJ  
Indiamara Bárbara da Silva – UFMG  
Isabella Guimarães Lima e Silva UFMG  
Isabelly Moraes Fernandes – Rádio Inconfidência/MG  
Jéssica Montanhini de Souza – UFMG  
José Augusto Toscano – Rádio Inconfidência/MG  
José Garriga Zucal – IDAES/UNSAM-CONICET  
Leonardo Turchi Pacheco UNIFAL-MG  
Luciane de Castro - Ludopédio/Coletivo Futebol, Mídia e Democracia  
Luciano Jorge de Jesus – SEE/MG e SME/Santa Luzia  
Luiz Gustavo Nicácio – UFMG  
Luiza Aguiar dos Anjos – IFRJ  
Maurício Murad – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)  
Marina de Mattos Dantas - UFMG  
Mateus Alexandre Silva – UFMG  
Mauro Lúcio Maciel Júnior – UFMG  
Priscila Augusta Ferreira Campos – UFOP  
Raiane Menezes Rufino – UFMG  
Sarah Teixeira Soutto Mayor – UFJF  
Silvana Vilodre Goellner – UFRGS  
Silvio Ricardo da Silva – UFMG  
Thiago Carlos Costa – UFMG / Museu Brasileiro do Futebol - Mineirão  
Thiago José Silva Santana - PBH